

Os Congressos de Sociologia em Portugal

Cristina Lobo

Resumo: Os três congressos de sociologia, enquanto lugares de apresentação de produtos resultantes de trabalhos no campo disciplinar, representam um património inestimável no processo de desenvolvimento da sociologia portuguesa. Reconstituir esse processo, sob a forma de grandes tendências, através das comunicações e dos seus autores, e da própria organização temática dos congressos, constituiu o objectivo deste artigo.

Os congressos de qualquer disciplina científica, pelo facto de irem ocorrendo diferenciadamente no tempo, vão-se tornando num “património” imprescindível de cumulatividade reflexiva e de experiências. É, aliás, através deles que as comunidades profissionais “recordam caminhos percorridos”¹.

Para além, evidentemente, destes encontros terem de cumprir “objectivos de interconhecimento, de troca, de contacto e aprendizagem”², não deixam também de ter, em última instância, a incumbência da difusão de saberes³ “fora dos muros” das comunidades científicas. Como refere Merton “é precisamente porque a investigação científica não se realiza no vazio social, que os seus efeitos se ramificam a outras esferas de valores e de interesses” (1985: 350).

Enquanto lugar de apresentação de produtos (produtos-conhecimentos) resultantes de práticas científicas⁴, e realizando-se num tempo e num espaço determinado, os congressos vão retratando não só as condições teóricas mas também as condições sociais da produção científica de uma certa formação disciplinar. Considerando as primeiras “basicamente assimiláveis ao conjunto de meios de trabalho que no âmbito de uma disciplina científica podem em dado momento ser accionados”, e, as segundas “associadas ao sistema

de estruturas e práticas — económicas, políticas, ideológicas e culturais — de uma formação social” (Pinto, 1995: 99).

Exactamente porque a neutralidade da ciência representa uma falsa questão, e porque não se pode conceber práticas científicas ou no “vazio social” ou não inclusivas às práticas sociais, as condições sociais da produção científica têm forçosamente de ser tidas em conta.

Se as práticas científicas devem ser entendidas como práticas sociais, o mesmo acontece, segundo Bourdieu, em relação ao campo científico, isto é, deve ser analisado enquanto um campo social ou seja, um espaço multidimensional no qual os indivíduos se posicionam segundo o volume e a composição do seu capital (1983).

No entanto, e apesar de existirem “homologias estruturais e funcionais entre todos os campos”, acontece que o científico, da mesma forma que a prática científica, comporta a sua especificidade enquanto um “sistema de relações objectivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores) é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial” (1983: 122). Em causa, está portanto o monopólio da autoridade, e ao mesmo tempo a inevitabilidade de as práticas científicas raramente se apresentarem desinteressadas.

A Sociologia nos Congressos de Sociologia

Dadas as analogias entre os vários campos disciplinares, o da sociologia não será certamente excepção ao que atrás ficou dito. Entre vários aspectos, um deles reside no facto de os três Congressos Portugueses de Sociologia (1988, 1992 e 1996) terem já uma palavra a dizer na reconstituição do seu processo de desenvolvimento disciplinar.

Importa, em contrapartida, ter em conta certos traços específicos da sociologia: trata-se em primeiro lugar da sua juventude⁵ enquanto formação científica em Portugal. E isso, “(...) faz com que ela só agora comece a poder afirmar socialmente a sua relevância” (Almeida, 1992: 190).

O segundo traço distintivo, e de certo modo relacionado com o anterior, refere-se ao esbatimento da “dissociação entre ciência e profissão”, isto é, “entre sectores profissionais universitários e não universitários” na sociologia e na sociedade portuguesa. O reforço imprimido a esta separação, até uma dada altura, prende-se por um lado, com o passado antidemocrático do país⁶, e, por outro, “com características específicas da Sociologia enquanto disciplina científica”(Costa, 1988, 1992)⁷.

Ora um aspecto importante revelado pelos três congressos é, precisamente, o alargamento do terreno e dos papéis profissionais dos sociólo-

gos⁸. Se as ofertas têm tendência a aumentar, com a saída das universidades de um número cada vez maior de jovens formados em sociologia, também as procuras, suscitadas a partir da crescente visibilidade de problemas sociais, poderão vir a seguir o mesmo ritmo. E para além disso, a “Sociologia mantém, de facto, a ambição de contribuir para a resolução de problemas sociais”(Almeida et al., 1995: 215)⁹.

A sociologia ao analisar — práticas sociais, valores e representações e identidades sócio-culturais — desvenda enigmas, mistérios da vida em sociedade. Os produtos-conhecimentos resultantes dessas pesquisas ao serem difundidos, pelos mais variados meios de comunicação científica¹⁰ e de massas “entram” no quotidiano dos actores sociais, provocando mudanças nas suas maneiras de estar, ser e pensar. “Pense-se no modo específico como a linguagem e o saber correntes têm sido transformados pela acção articulada das comunidades científicas, sistema formal de ensino e campo de divulgação científica” (Pinto, 1994: 115).

Esta estreitíssima afinidade entre saberes de produção sociológica e mudanças de práticas sociais contribuindo, no fundo, para mutações nos processos de produção e reprodução das sociedades, representa o quarto traço específico da sociologia em relação aos outros campos disciplinares.

Por último, deve-se mencionar a aptidão inclusiva à sociologia de reflectir sobre si própria¹¹, mas também sobre as práticas sociais, isto é, por um lado “uma aguda consciência de si própria, uma permanente auto-reflexividade sociológica sobre a Sociologia enquanto prática social e sistemas de representações”, e, por outro, ao questionar a própria sociedade, ela funciona “enquanto meio de reflexividade social na constituição das sociedades da modernidade avançada” (Costa, 1992: 118)¹².

Trata-se portanto de uma dupla capacidade reflexiva da Sociologia. Mais uma das suas especificidades a reforçar diversidades.

Do 1º ao 3º Congresso de Sociologia: comunicações e seus autores¹³

O aumento contínuo do número de comunicações, e por conseguinte de participantes, nos três Congressos de Sociologia realizados pela Associação Portuguesa de Sociologia, representa um indicador objectivo de que o grupo profissional dos sociólogos se encontra em momento de consolidação, afirmação e de reconhecimento social. Os Congressos “(...) constituíram, pela participação alargada que suscitaram a vários níveis, prova de dinamismo e da afirmação crescente dos sociólogos como grupo profissional” (Machado, 1996).

Como mostram os quadros 1 e 2 as comunicações e os seus autores quase triplicaram do 1º para o 3º congresso. Em causa poderão estar, por um lado, uma maior oferta de sociólogos recém-licenciados em sociologia, e, por outro, uma maior procura de produtos profissionais por parte de instâncias governamentais e não governamentais, financiamentos de entidades ligadas à investigação científica, aumento da variedade e do volume de oportunidades de emprego para os sociólogos (aparelho formal de ensino — principalmente universidades e outras instituições de ensino, públicas ou privadas, onde a sociologia faça parte dos currículos, mas também, autarquias, empresas, gabinetes de projectos etc.), potenciando directa ou indirectamente a produção de pesquisas empíricas, diagnósticos e prognósticos munidos de cientificidade sobre os mais variados problemas que a sociedade portuguesa enfrenta.

Quadro 1: Número de comunicações por Congresso

Congressos	Total de comunicações
1º Congresso	73
2º Congresso	129
3º Congresso	202

Quadro 2: Número de autores das comunicações por sexo nos três Congressos de Sociologia (valores absolutos e percentagens)

Congressos	Homens		Mulheres		Total	
	N	%	N	%	N	%
1º Congresso	48	56,5	37	43,5	85	100
2º Congresso	80	58,0	58	42,0	138	100
3º Congresso	110	44,7	136	55,3	246	100

Por outro lado, e particularmente sobre o quadro 2, não se pode deixar de chamar a atenção para a crescente participação feminina, atingindo no 3º congresso mais de metade (55,3) do total dos autores das comunicações. Esta constatação, contudo, deve ser enquadrada numa perspectiva mais global da participação feminina nas universidades. No ensino superior em 1992, e no grupo etário dos 20 aos 29 anos, “a percentagem de mulheres desse escalão etário com ensino universitário completo é de 6,7%, ao passo que os homens nessa mesma situação representam somente 4,8%” (Almeida, Costa e Machado, 1994: 316).

Seria portanto nas profissões mais qualificadas que os efeitos deste acréscimo do efectivo feminino se viria a confirmar.

É também necessário referir, a este propósito, o facto de os últimos vinte anos coincidirem, por um lado, com o aumento progressivo da taxa de actividade feminina — crescendo de 19,0 % em 1970 para 41,3 % em 1992¹⁴ — e, por outro, com o culminar de certos impedimentos ao acesso a determinadas carreiras profissionais, principalmente as de maior exigência em qualificações¹⁵, por parte das mulheres.

O quadro 3 mostra como as comunicações individuais reflectem a prática mais usual de investigação entre os nossos profissionais e cientistas sociais — nos três congressos, este tipo de comunicação assumiu valores que rondaram os 80%. Não obstante a sociologia portuguesa ser permeável aos contributos teórico-metodológicos de outras ciências sociais, revelando-se aliás um dos seus traços marcantes, tal nem sempre se traduz na integração em equipas de trabalho de investigadores provenientes de outros contextos intelectuais. Isto não exclui, de modo algum, o facto da interdisciplinaridade ser uma presença em muitas das comunicações individuais, que elegeram objectos de estudo “de fronteira” entre as ciências sociais. Mas, “as estratégias inter — (ou pluri —) disciplinares são produtivas quando representam trocas conceptuais efectivas e equilibradas entre disciplinas construídas; quer dizer, longe de implicarem a anulação completa das particularidades do desenvolvimento e do património de cada ciência, antes as capitalizam em seu favor” (Silva e Pinto, 1986: 26).

Quadro 3: Autoria das comunicações: individuais e colectivas (valores absolutos e percentagens)

Congressos	Autoria Individual		Autoria Colectiva	
	N	%	N	%
1º Congresso	59	80,9	14	19,1
2º Congresso	105	81,3	24	18,7
3º Congresso	158	78,2	44	21,8

A percentagem mais elevada quanto à autoria colectiva das comunicações — 21,8 % no 3º congresso — pode de certo modo ser reveladora de um aumento de financiamentos para projectos de grande dimensão, e que habitualmente envolvem um número considerável de investigadores.

Importa, ainda referir que muitas das comunicações individuais apresentadas aos três congressos dão conta de resultados, ou de momentos

teóricos ou metodológicos, de trabalhos de investigação realizados para progressão na carreira académica (teses de mestrado ou de doutoramento), o que só por si pode justificar o número elevado de comunicações individuais.

Pertença institucional e geográfica dos autores das comunicações

As universidades públicas e os centros de investigação universitários sempre congregaram competências decisivas no panorama da investigação científica em Portugal. Contudo, no quadro 4 é visível a sua perda de posição relativa em benefício não apenas de outras instituições de ensino, nomeadamente, as universidades privadas, politécnicos, escolas superiores de educação, mas também dos serviços da administração pública, empresas e autarquias. No último congresso pouco mais de metade (57,0 %) dos autores das comunicações estavam profissionalmente inseridos em instituições de ensino público universitário e de investigação científica.

Porém, e no que diz respeito aos profissionais da investigação científica na sua globalidade — incluindo aqueles que desempenham a actividade profissional em todo o tipo de estabelecimentos de ensino superior e profissionalizado público e privado — deve-se notar que eles constituíram, como provavelmente se verificaria noutro campo científico, no 3º congresso o grupo mais numeroso (66,7 %).

Sem dúvida, a sociologia tem vindo a demonstrar a capacidade “ de evitar dissociar estritamente os desígnios e exigências da investigação científica, por um lado, dos da intervenção social profissionalizada, por outro” (Pinto,1992: 13). Assiste-se, então, particularmente no 2º e 3º congressos à crescente participação de profissionais da sociologia, nomeadamente, dos que provêm institucionalmente dos “Ministérios e serviços públicos” — 10,9 % e 7,3 %. E, é exactamente este alargamento dos papéis profissionais dos sociólogos que confere especificidade ao campo da sociologia em relação a campos disciplinares.

Embora deva ser na profissionalização extra-universitária que surjam mais oportunidades de emprego, isto é, maior variedade na procura de produtos de âmbito sociológico, também se torna imprescindível, para que tal aconteça, uma maior visibilidade, prestígio e reconhecimento da importância da sociologia, para o desenvolvimento da sociedade portuguesa.

Por último, não se pode deixar de fazer uma breve referência à participação dos estudantes e recém-licenciados, que embora reduzida também cresceu do 1º para o 3º congresso — 2,3 % e 4,0 respectivamente.

Quadro 4: Pertença institucional dos autores das comunicações
(valores absolutos e percentagens)

Instituições de Pertença	1º Congresso		2º Congresso		3º Congresso	
	N	%	N	%	N	%
Universidades / Institutos de Ensino Superior Públicos e Centros de Investigação Universitários	64	75,3	89	64,4	140	57,0
Universidades / Institutos Privados	2	2,3	3	2,2	13	5,2
Politécnicos/Escolas Superiores de Educação e outros	3	3,5	11	8,0	11	4,5
Ministérios e Serviços Públicos	8	9,4	15	10,9	18	7,3
Autarquias e Juntas de Freguesia	2	2,3	3	2,2	8	3,2
Empresas e Gabinetes de Estudos e Projectos	3	3,5	7	5,1	7	3,0
Alunos e Recém-licenciados	2	2,3	6	4,3	10	4,0
Outros	1	1,2	4	2,9	39	15,8 ¹⁶
Total	85	99,8	138	100	246	100

A evolução do número de autores das comunicações aos três congressos de sociologia por regiões é apresentada no quadro 5. Apesar de Lisboa e Vale do Tejo continuar no 3º congresso a apresentar os valores mais elevados quanto à localização geográfica das instituições e organizações onde estão profissionalmente inseridos os autores das comunicações (53,5 %), ela perde no entanto o seu peso relativo em relação a outras regiões, principalmente o Norte e o Centro (15,6 % e 12,0 %). É claro que, a implementação de novas licenciaturas no Porto, Coimbra, Beira Interior e Minho, a partir de meados da década de 80¹⁷, contribuiu de forma decisiva para a reprodução alargada da profissão, nomeadamente, da docência universitária e da investigação fundamental em sociologia. Daí as percentagens das pertenças institucionais nas duas regiões — Norte e Centro — terem aumentado de forma mais pronunciada no 2º e no 3º congressos.

No que diz respeito a Évora, no entanto, embora a licenciatura de sociologia exista desde 1979, ou seja, quase dez anos antes do 1º congresso, as participações nestes encontros são praticamente nulas.

Quadro 5: Distribuição geográfica das pertenças institucionais dos autores das comunicações (valores absolutos e percentagens)

Distribuição Geográfica	1º Congresso		2º Congresso		3º Congresso	
	N	%	N	%	N	%
Norte	11	13,0	23	16,7	38	15,6
Centro	3	3,5	12	8,6	29	11,9
Lisboa e Vale do Tejo	64	75,2	98	71,0	130	53,4
Alentejo	2	2,3			1	0,4
Algarve			1	0,7	3	1,2
Açores	2	2,3	2	1,4	3	1,2
Madeira					1	0,4
Outros	3	3,5	2	1,4	39	16,0
Total	85	99,8	138	99,8	243	100

As comunicações: distribuição por grandes áreas temáticas nos três Congressos

Mais do que analisar conteúdos, importa assinalar grandes tendências do processo de desenvolvimento da sociologia portuguesa, inscritas nos arranjos temáticos dos três congressos de sociologia. Trata-se, no fundo, de identificar, em linhas gerais, todo um trabalho de acumulação de conhecimentos sobre a vida em sociedade ao longo de quase uma década.

Dada a crescente complexidade das sociedades contemporâneas, principalmente depois da II Guerra, os desenvolvimentos teórico-metodológicos e as próprias condições institucionais favoreceram o surgimento de inúmeras sub-disciplinas em várias ciências. Especificamente no que toca à sociologia portuguesa assiste-se à eclosão dessas mesmas sub-disciplinas bastante tardiamente e, portanto, também à sua perpetuação durante mais tempo. É claro que, este perpetuar sub-disciplinar não deve ser entendido enquanto estagnação interna teórico-metodológica, pelo contrário: problemáticas, problemas de investigação, princípios teóricos e estratégias metodológicas, rapidamente avançaram e apanharam o ritmo, por vezes até mais dinâmico, das suas congéneres de outros países. Não deixando, contudo de denunciar uma certa compartimentação do campo disciplinar da sociologia na altura do 1º congresso.

No quadro 6, e no que toca à agregação dos temas das comunicações por grandes áreas no 1º congresso, é clara a identificação de algumas das sub-disciplinas, ou de conjuntos dessas áreas sub-disciplinares, da socio-

logia. Destacando-se quanto ao número de trabalhos apresentados, as seguintes: a “Sociologia da informação do conhecimento e da cultura” (24,6 %), seguindo-se a “Sociologia das questões urbanas e rurais” (18,0 %), a “Sociologia da família” (16,4 %) e a “Sociologia industrial, das organizações e do trabalho” (15,0 %).

Em número muito mais reduzido, mas revestindo-se da maior importância, aparece o painel das comunicações sobre as “Condições de exercício e perspectivas profissionais da Sociologia”. Elas representam um marco na história da Sociologia em Portugal, pelo facto de pela primeira vez se discutir com um público mais alargado a questão das práticas profissionais dos sociólogos. No entanto, convém referir o seguinte: esta primeira área temática, assim como as duas primeiras no 2º congresso, e, ainda, as três primeiras no 3º congresso, correspondem a sessões plenárias com uma lógica de participação diferente dos grupos de trabalho.

Quadro 6: 1º Congresso de Sociologia, “A Sociologia e a Sociedade Portuguesa na Viragem do Século” (1988): número de comunicações por áreas temáticas (valores absolutos e percentagens)

Áreas temáticas	Comunicações	
	N	%
Condições de exercício e perspectivas profissionais da sociologia	4	5,4
Sociologia da educação	5	7,0
Sociologia da família	12	16,4
Sociologia industrial, das organizações e do trabalho	11	15,0
Sociologia da informação, do conhecimento e da cultura	18	24,6
Sociologia das questões urbanas e rurais	13	18,0
Sociologia das questões urbanas e rurais	10	13,6
Total	73	100

A dinâmica intelectual de investigação sobre o real, está directamente relacionada com a importância que a própria sociedade vai dando em cada momento a cada um dos seus problemas, isto é, aos problemas que ela vai socialmente legitimando através das instâncias dominantes — os problemas sociais.

Quanto maior for a visibilidade social destes problemas, mais ocasionam procuras de produtos sociológicos e até mesmo disponibilidade de financiamentos por parte de instituições, nomeadamente, de carácter governamental e de investigação científica, potenciando assim directa ou

indirectamente um reforço da actividade intelectual e da conquista de novos domínios nas pesquisas empíricas. “Não há dinâmicas científicas progressivas que possam perpetuar-se na ausência de condições mínimas, nomeadamente no plano do financiamento público à pesquisa”¹⁸. É presumível que em momentos de mudança acelerada, como os que actualmente se vive, as sociedades se confrontem com novos problemas cujas soluções só terão sucesso, se sobre eles houver maior intervenção. “Ora a sociologia, com o arsenal de instrumentos teóricos e metodológicos que põe ao nosso dispor, e com a atitude crítica que nos ensinou a manter face à nossa própria produção científica, pode justamente dar um contributo, parcial mas decisivo, ao debate social e político sobre a mudança”¹⁹.

Quadro 7: 2º Congresso de Sociologia, “Estruturas Sociais e Desenvolvimento” (1992) - Número de comunicações por áreas temáticas (valores absolutos e percentagens)

Áreas temáticas	Comunicações	
	N	%
Sociologia e modernidade	3	2,3
Sociologia e as perspectivas de desenvolvimento	4	3,1
Internacionalização das trocas, mediatização da sociedade novas formas discursivas	7	5,4
Educação e trabalho: contradições e alternativas organizacionais	27	21,0
Estado e sociedade: instituições, políticas e práticas	7	5,4
Recomposição sócio-espacial e dinâmicas regionais e locais	18	14,0
A dinâmica dos saberes: ciência, tecnologia e outras formas culturais	12	9,3
Mudança social: novos valores, modos de vida, identidades	28	21,7
Teorias, metodologias, epistemologias	12	9,3
Políticas, cidadania e exclusão social	11	8,5
Total	129	100

Assiste-se então no 2º congresso, a uma evolução interna do campo, enquanto reflexo de críticas a temáticas substantivas estritas às sub-disciplinas da sociologia.

O quadro 7 mostra os grandes arranjos temáticos do 2º congresso, entre os quais se destacam aqueles que reuniram um número maior de comunicações: “Mudança social: novos valores, modos de vida, identidades” (21,7 %); “Educação e trabalho: contradições e alternativas organizacionais” (21,0 %); “Recomposição sócio-espacial e dinâmicas regionais e locais” (14,0 %).

Quadro 8: 3º Congresso de Sociologia, “Desafios para a mudança: actores, práticas e processos sociais” (1996) — número de comunicações por áreas temáticas (valores absolutos e percentagens)

Áreas temáticas	Comunicações	
	N	%
Olhares sobre a mudança social: divergências e convergências entre as ciências sociais	4	2,0
Sociólogos: profissionais da mudança social?	4	2,0
As práticas sociais face ao poder dos media	3	1,5
Estado, poderes e sociedade	27	13,3
Estruturas produtivas, trabalho e profissões	27	13,3
Educação e desenvolvimento	23	11,3
Território, ambiente e dinâmicas regionais e locais	33	16,3
Cultura, comunicação e transformação dos saberes	39	19,3
Família, género e afectos	42	21,0
Total	202	100

No que diz respeito ao quadro 8, referente às comunicações apresentadas ao 3º congresso, elas indiciam uma espécie de retorno à demarcação sub-disciplinar identificada no 1º congresso. Assim, destacam-se as seguintes áreas temáticas: “Família, género e afectos” tendo sido a que reuniu maior número de comunicações (21,0 %), seguindo-se “Cultura, comunicação e transformação dos saberes” (19,3 %), e “Território, ambiente e dinâmicas regionais e locais” (16,3 %).

Em termos conclusivos, deve-se salientar o facto de as grandes áreas temáticas com maior número de comunicações dos três Congressos de Sociologia, realizados ao longo de quase uma década, terem permanecido praticamente as mesmas.

Tipos de comunicações apresentadas nos 1º e 2º Congressos de Sociologia

A realização de uma pesquisa empírica em Sociologia implica sempre o accionamento de procedimentos teórico-metodológicos de observação do real, ou seja de situações concretas.

Quando se fala em produção de conhecimentos sobre o real, com a pluralidade de operações aí implicadas, não se pode deixar de referir o papel de comando da teoria em todo esse processo. “Só esse património acumulado de interpretações provisoriamente validadas a que se chama teoria constituí, em princípio, adequado ponto de partida para a pesquisa” (Almeida e Pinto, 1986: 56).

É exactamente de pesquisas empíricas que se trata no primeiro conjunto de comunicações apresentadas no quadro 9.

Neste tipo — pesquisas/problematizações, percursos e resultados — incluíram-se as comunicações que não só davam conta de todo um processo de pesquisa, mas também, aquelas que, apesar de privilegiarem apenas um dos seus momentos — ou os procedimentos teóricos ou os técnicos — os respectivos autores mencionavam o facto de se tratar de uma pesquisa empírica em curso.

É, no entanto, curioso notar que estes trabalhos de pesquisa não se identificaram enquanto maioria entre os vários tipos de comunicações apresentadas aos dois primeiros congressos, isto é, eles representam 37,0 % e 32,0 % respectivamente.

O segundo tipo — teóricas/revisões bibliográficas — constitui, sem dúvida um grupo muito heterogéneo, porque contém por um lado, comunicações com um nível muito elevado de discussão teórica sobre autores clássicos e contemporâneos ou sobre conceitos (reconceptualizações), e por outro, sistematizações de referências bibliográficas ou quadros teóricos para futuras pesquisas. Daí o seu número tão elevado tanto no 1º (41,0 %) como no 2º congressos (56,5 %).

Nas análises sociográficas são trabalhados e analisados dados, particularmente das estatísticas oficiais, a propósito dos mais variados temas. O seu número reduzido — 8,2 % e 5,7 % no 1º e no 2º congressos respectivamente — justifica-se pelo facto deste tipo de procedimento constituir na grande maioria dos trabalhos um dos vários momentos das pesquisas empíricas.

Ainda no quadro 9, e quanto aos “ensaios analíticos”- incluindo mais reflexões pessoais e primando pelas raras referências teóricas — e, também em relação ao que se convencionou designar por “outros” onde a ausência dessas referências é total, assistiu-se do 1º para o 2º congresso

a uma diminuição significativa do seu peso (13,7 % para 5,0 %) ao ponto de no último congresso em análise não se ter identificado nenhuma comunicação no tipo “outros”. Talvez porque a tentação empirista já não seja apanágio dos aprendizes de ciências sociais quando são convidados a analisar situações concretas (Pinto, 1994).

Quadro 9: Tipos de comunicações apresentadas nos 1º e 2º Congressos de Sociologia (valores absolutos e percentagens)

Tipos de comunicação	1º Congresso		2º Congresso	
	N	%	N	%
Pesquisas/problematizações, percursos e resultados	27	37,0	40	32,7
Teóricas/revisões bibliográficas	30	41,0	69	56,5
Análises sociográficas	6	8,2	7	5,7
Ensaio analítico	8	11,0	6	5,0
Outros	2	2,7		
Total	73	99,9	122	99,9

A estruturação das estratégias de investigação é resultado do modo como a realidade social é interrogada. De modo que a distinção entre as várias estratégias ou lógicas “fundamenta-se no uso preferencial ou dominante de certas técnicas, na natureza dos objectivos da pesquisa e na origem da própria investigação” (Almeida et al., 1995: 195).

À primeira — extensiva — está associada o uso de técnicas quantitativas, particularmente o inquérito por questionário, não invalidando, certamente, a utilização de outros tipos de técnicas. E, quanto à segunda — intensiva — ela é particularmente ajustada à análise de fenómenos ou populações relativamente restritos, “não admira que tenha sido com base nelas que se desenvolveu nas ciências sociais a tradição dos estudos de caso e, em particular, das monografias” (Pinto, 1994: 81).

O quadro 10 mostra que estas duas lógicas de investigação foram preferencialmente usadas nas pesquisas empíricas, que as comunicações davam conta, com o mesmo peso para ambas (44,4 %).

No 2º congresso identificou-se que pouco mais de metade (52,5 %) das comunicações revelavam o uso da estratégia intensiva de investigação.

Quanto à investigação-acção, essencialmente ligada ao tipo de pedido que dá origem à investigação, e podendo recorrer tanto a técnicas do tipo

extensivo como intensivo, ela aumentou consideravelmente do 1º para o 2º congresso — 11,1 % e 17,5 % respectivamente.

Quadro 10: Estratégias de investigação desencadeadas nas pesquisas empíricas (valores absolutos e percentagens)

Estratégias de investigação	1º Congresso		2º Congresso	
	N	%	N	%
Extensiva	12	44,4	12	30,0
Intensiva	12	44,4	21	52,5
Investigação-acção	3	11,1	7	17,5
Total	27	99,9	40	100

É claro que, os procedimentos de recolha de informação sobre o real — inquérito por questionário, entrevista, análise de conteúdo, etc. — devem estar em consonância com a natureza das estratégias de investigação accionadas nas pesquisas empíricas. Até porque o desenvolvimento desses procedimentos tem contribuído “poderosamente para que o processo de observação sociológica em sentido amplo se tornasse uma fase do trabalho científico cada vez mais sistemática e racionalmente controlada (Almeida e Pinto, 1986: 55).

O quadro 11 mostra efectivamente as técnicas de recolha de informação, sendo no entanto difícil estabelecer essa relação entre estratégias de investigação e procedimentos de recolha de informação. De modo que, apenas se pode concluir sobre o facto da técnica de inquérito por questionário ter sido nos dois congressos a mais usada nas pesquisas empíricas — 37,0% e 45,0 % respectivamente.

Quadro 11: Técnicas de recolha da informação utilizadas nas pesquisas empíricas (valores absolutos e percentagens)

Técnicas de tratamento de informação	1º Congresso		2º Congresso	
	N	%	N	%
Inquérito por questionário	10	37,0	18	45,0
Entrevista	6	22,2	7	17,5
Observação participante	2	7,4	1	2,5
Método biográfico			2	5,0
Conjugação de técnicas	9	33,3	12	30,0
Total	27	99,9	40	100

A entrevista, observação participante e método biográfico — técnicas accionadas numa estratégia de investigação de carácter intensivo — em conjunto representam no 1º congresso cerca de 30,0 % e no 2º congresso 25,0 %.

Quanto ao que se designou por “conjugação das técnicas”, ela decresce de 33,3 % no 1º para 30,0 % no 2º congresso.

As pesquisas empíricas sobre a sociedade portuguesa: inovações e continuidades temáticas

Um número significativo de comunicações apresentadas aos dois primeiros Congressos de Sociologia é referente a pesquisas empíricas sobre a sociedade portuguesa.

Ora, os quadros 12 e 13 ao identificarem alguns dos principais temas desses trabalhos, revelam tanto as inovações como as continuidades temáticas.

Quadro 12: 1º Congresso de Sociologia — principais temas das pesquisas empíricas sobre a sociedade portuguesa

Grandes áreas temáticas	Temas das pesquisas empíricas sobre a sociedade portuguesa
Educação	<ul style="list-style-type: none"> • sistema de ensino • sucesso escolar • juventude
Família	<ul style="list-style-type: none"> • família e estudantes • família rural • mudança nas estruturas familiares • mulheres • divórcio
Organizações e trabalho	<ul style="list-style-type: none"> • cultura organizacional • desemprego • relações industriais/sindicatos/estado
Cultura/conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> • desporto • associativismo cultural • públicos de divulgação científica • cultura popular/artesanato
Rural/Urbano	<ul style="list-style-type: none"> • cooperativas de habitação • camponeses/seareiros • identidade regional e cultural
Política	<ul style="list-style-type: none"> • classe política • poder local (funcionamento) • partidos políticos (representações dos portugueses) • valores sociais e políticos • comportamentos culturais e políticos

Assim, na área da “educação” e do 1º para o 2º congresso surgem as seguintes preocupações temáticas: escolas profissionais e formação profissional (em matéria de políticas); insucesso escolar; expansão do ensino superior técnico.

Quadro 13: 2º Congresso de Sociologia — principais temas das pesquisas empíricas sobre a sociedade portuguesa

Grandes áreas temáticas	Temas das pesquisas empíricas sobre a sociedade portuguesa
Comunicação	<ul style="list-style-type: none"> • classes e condições sociais da produção da notícia • marketing social aplicado à saúde
Educação	<ul style="list-style-type: none"> • escolas profissionais/políticas de formação profissional • (in)sucesso escolar/escolaridade obrigatória/ grupo familiar • expansão do ensino superior técnico
Organizações e Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> • gestão da cultura da empresa/estratégias de desenvolvimento integrado • mulheres/mercado de emprego • famílias de empresários • formação profissional/desemprego juvenil
Ciência, Tecnologia e formas culturais	<ul style="list-style-type: none"> • modelos dominantes de “saberes” • construção doméstica do saber local • ecologia social(aplicação a um bairro degradado) • história da família na escola
Recomposição e dinâmicas regionais e locais	<ul style="list-style-type: none"> • associativismo agrícola socioprofissional • impacto das transformações estruturais no espaço rural • acção local/necessidades das mulheres • projectos de intervenção na cidade
Política	<ul style="list-style-type: none"> • poder local/poder central • padrões de cultura política • representações s/ questões de segurança e de defesa dos portugueses
Mudança social: valores, modos de vida e identidades	<ul style="list-style-type: none"> • protagonistas dos projectos de investigação-acção • novos valores políticos, sociais e culturais • mudanças demográficas em Portugal • jovens/publicidade • práticas desportivas em Portugal • exclusão social • identidade/comunidade • mães solteiras (freguesia rural do Alentejo) • identidade nacional dos jovens

Esta questão da formação profissional surge também tratada no âmbito das “organizações e trabalho” mas relacionado com o desemprego juvenil. Claro que, o desemprego representa uma continuidade temática entre os dois congressos. Surgem, nesta mesma área e no 2º congresso outros temas, nomeadamente: estratégias de desenvolvimento integrado; relação mulheres e mercado de emprego; famílias de empresários.

No 2º congresso as questões sobre a “família” encontram-se dispersas pelas outras áreas temáticas — educação, organizações e trabalho; ciência, tecnologia e formas culturais e na mudança social: valores, modos de vida e identidades, o que dificulta a comparação com o 1º congresso.

As pesquisas desenvolvidas no âmbito da “ecologia social”, ou os “projectos de intervenção na cidade”, ou ainda os trabalhos sobre “exclusão social”, são investigações que surgem no 2º congresso e que correspondem à estratégia de investigação-acção.

Notas

- 1 cf. Discursos de Abertura aos 1º e 2º Congressos de Sociologia respectivamente de João Ferreira de Almeida (1988) e José Madureira Pinto (1992).
- 2 João Ferreira de Almeida, Discurso de abertura ao 1º Congresso de Sociologia, 1988: 15.
- 3 O caso por exemplo das “Actas dos congressos”.
- 4 Nesta primeira parte do artigo não se discutirá a distinção entre prática científica e prática profissional: considerando desde já que” a actividade profissional dos sociólogos tem sempre uma base científica, na medida em que é desempenhada por pessoas que possuem formação científica em sociologia (...) (Costa, 1992: 114).
- 5 Para a reconstituição do processo de desenvolvimento da Sociologia em Portugal ver: A. Sedas Nunes, “Histórias, uma história e a História — sobre as origens das modernas Ciências Sociais em Portugal”, *Análise Social*, nº100, 1988, pp. 11-55; José Madureira Pinto (1994) e João Ferreira de Almeida (1992).
- 6 Como refere Mariano Gago no *Manifesto para a Ciência em Portugal*, na “história antidemocrática do país (...) mergulham as raízes de uma grande ignorância dos mecanismos e das práticas sociais necessárias à construção de decisões coerentes de política científica”, 1990.
- 7 Sobre o “Modelo de dissociação entre ciência e profissão”, ver António Firmino da Costa, “Cultura profissional dos sociólogos”, in Actas do 1º Congresso de Sociologia, vol. 1, pp. 25-40.
- 8 cf. Fernando Luís Machado, “Profissionalização dos sociólogos em Portugal: contextos, recomposição e implicações”, incluído neste número da revista.
- 9 Sobre a relação entre problemas sociais e problemas sociológicos, enquanto um requisito fundamental nas práticas profissionais dos sociólogos, ver A. Firmino da Costa, op. cit.
- 10 cf. Fernando Luís Machado e Idalina Conde, “Públicos da divulgação científica”, *Sociologia — Problemas e Práticas*, nº6.
- 11 Como refere Pierre Bourdieu — “Uma prática científica que se esquece de se pôr a si mesma em causa não sabe, propriamente o que faz. Presa no objecto que toma para objecto, ela descobre qualquer coisa do objecto, mas que não é verdadeiramente objectivado pois se trata dos próprios princípios do objecto”, 1989: 35.

- 12 A propósito da reflexividade sociológica, ver também Fernando Luís Machado artigo incluído neste número da revista.
- 13 As fontes utilizadas para a elaboração dos quadros deste artigo foram as seguintes: Actas do 1º e do 2º Congressos de Sociologia; o programa, o livro de resumos e a listagens dos participantes no 3º Congresso. Para além, de informações preciosas fornecidas pelo meu colega Fernando Luís Machado, sem as quais não seria possível reconstituir a “pertença institucional” dos autores das comunicações aos dois primeiros congressos.
- 14 ver Almeida, Costa e Machado, 1994.
- 15 Sobre o “Género na Ciência” ver (Amâncio e Ávila, 1995: 135-162).
- 16 Esta designação de “outros” corresponde aqui aos autores das comunicações cuja pertença institucional é desconhecida.
- 17 Início das licenciaturas em Sociologia: ISCTE — 1974; Évora — 1979; UNL — 1979; Porto — 1985; Beira Interior — 1986; Coimbra — 1988; ISCSP — 1988; Minho — 1989. cf. João Ferreira de Almeida (coord.), *Introdução à Sociologia*.
- 18 Discurso de abertura ao 2º Congresso de Sociologia de José Madureira Pinto.
- 19 Discurso de abertura ao 3º Congresso de Sociologia de Ana Nunes de Almeida.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, João Ferreira de (1992), “Trabalhar em Sociologia, ensinar Sociologia”, *Sociologia — Problemas e Práticas*, nº 12, pp. 187-199.
- ALMEIDA, João Ferreira de (coord.) (1995), *Introdução à Sociologia*, Lisboa, Universidade Aberta.
- ALMEIDA, João Ferreira de, COSTA, António Firmino da e MACHADO, Fernando Luís (1994), “Recomposição socioprofissional e novos protagonismos”, in *Potugal 20 Anos de Democracia*, Lisboa, Círculo de Leitores.
- BOURDIEU, Pierre (1989), *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel.
- COSTA, António Firmino da (1993), *Sociologia*, Lisboa, Difusão Cultural.
- GAGO, José Mariano (1990), *Manifesto para a Ciência em Portugal*, Lisboa, Gradiva.
- JESUÍNO, Jorge Correia (coord.) (1995), *A Comunidade Científica Portuguesa nos Finais do Século XX: comportamentos, atitudes e expectativas*, Oeiras Celta Editora.
- ORTIZ, Renato (org.) (1983), *Pierre Bourdieu*, S. Paulo, Editora Ática.
- PINTO, José Madureira (1994), *Proposta para o Ensino das Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento.
- SILVA, Augusto Santos e PINTO, José Madureira (orgs.) (1986), *Metodologia para as Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento.

Cristina Lobo. Socióloga do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia / Departamento de Sociologia / ISCTE. Qualquer correspondência pode ser endereçada para a autora, ISCTE — Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Av. das Forças Armadas, 1600 Lisboa, ou pelo fax. 351-1-7940074.